

GUERRA DA PROPAGANDA PARA AS GRANDES FARMÁCIAS | POR WHITNEY WEB

Posted on 30. November 2020

Os serviços secretos dos EUA e da Grã-Bretanha utilizam o seu arsenal de armas cibernéticas para impor a estratégia de vacinação contra os críticos.

Um ponto de vista da Whitney Web.

A "propaganda preventiva de vacinas" tem sido alvo de agências de inteligência ocidentais, segundo os meios de comunicação britânicos e americanos. Isto deve ser combatido a fim de assegurar os milhares de milhões em lucros que as empresas farmacêuticas estão a tentar obter como resultado da pandemia de Covid 19. Organizações noticiosas e jornalistas que expressam preocupações legítimas estão a ser roubados das suas plataformas para empurrar as mensagens favoráveis à vacinação através do panorama dos meios de comunicação de língua inglesa. Isto também pode explicar porque é que uma onda de censura está actualmente a lavar e a apagar declarações e canais críticos nos chamados meios de comunicação social. Esta guerra cibernética ao serviço das grandes farmácias utiliza meios e métodos desenvolvidos pelos serviços secretos para alegadamente combater o terrorismo. Os "anti-vacinadores" são agora vistos como "ameaças à segurança nacional" e tratados em conformidade. Nesta guerra contra os críticos, são utilizados funcionários militares e governamentais que já causaram estragos na "guerra contra o terror" ou no Iraque. O autor resume a informação disponível.

Ainda na semana passada, os aparelhos de segurança nacional dos Estados Unidos e do Reino Unido anunciaram discretamente que as ferramentas cibernéticas e táticas em linha anteriormente concebidas para utilização na "guerra ao terror" após o 11 de Setembro estão agora a ser desviadas para utilização contra fontes de informação que promovem a "contenção da vacinação" e informação relacionada com o Covid-19 e contradizem as narrativas governamentais.

Na segunda-feira, a Sede de Comunicações do Governo do Reino Unido (GCHQ), a agência britânica de inteligência para as telecomunicações e inteligência electrónica, lançou uma nova ofensiva cibernética destinada a visar websites que publicam conteúdos considerados propaganda que suscita preocupações sobre o desenvolvimento da vacina Covid-19 financiada pelo governo e as empresas farmacêuticas multinacionais envolvidas.

Esforços semelhantes estão a ser feitos nos Estados Unidos, onde os militares norte-americanos financiaram recentemente uma empresa apoiada pela CIA, repleta de antigos oficiais anti-terroristas por detrás da ocupação do Iraque e da ascensão do chamado Estado islâmico, desenvolver um algoritmo de IA especificamente destinado a novos sítios da Internet "sob suspeita" de espalhar informações falsas sobre a crise do Covid 19 e o esforço de vacina Covid 19 liderado pelos militares dos EUA e conhecido como Operação Velocidade Warp.

Guerra contra os meios de comunicação e jornalistas críticos

Ambos os países estão a preparar-se para silenciar jornalistas independentes que expressam preocupações legítimas sobre a corrupção da indústria farmacêutica ou o extremo secretismo em torno do esforço de vacinação Covid 19 financiado pelo governo, agora que o candidato à vacina da Pfizer está prestes a ser aprovado pela Food and Drug Administration (FDA), a Food and Drug Administration dos EUA, no final deste mês.

A história da Pfizer de milhares de milhões de dólares em multas por marketing ilegal e suborno de funcionários governamentais para ajudar a encobrir um teste de drogas ilegais que matou 11 crianças, entre outros crimes, não foi mencionada nos meios de comunicação social, que em vez disso celebrou a aprovação aparentemente iminente da vacina Covid 19 da Companhia, sem questionar a história da Companhia ou o facto de a tecnologia do mRNA utilizada na vacina ter passado apressadamente pelos protocolos normais de estudo de segurança e nunca ter sido aprovada para utilização em humanos.

Também não mencionaram que a chefe do Centro de Avaliação e Investigação de Medicamentos da FDA, Patrizia Cavazzoni, é a antiga vice-presidente de segurança de produtos da Pfizer, que encobriu a ligação entre um dos seus produtos e defeitos de nascença.

Basicamente, o governo está a mudar como nunca antes para a busca da liberdade de expressão na Internet e para expulsar os sites de notícias das suas plataformas a fim de proteger os interesses de corporações poderosas como a Pfizer e outros gigantes farmacêuticos assaltados por escândalos, bem como os interesses dos aparelhos de segurança dos Estados Unidos e do Reino Unido, que por sua vez estão

estritamente envolvidos nos esforços de vacinação da Covid 19.

Guerra cibernética contra a "propaganda à prova de imunidade"

O jornal britânico The Times noticiou que o GCHQ do Reino Unido tinha "lançado uma ciberoperação ofensiva para perturbar a propaganda impermeável difundida pelos Estados inimigos" e, para o fazer, "utilizou ferramentas concebidas para lidar com a desinformação e o material de recrutamento circulado pelo Estado islâmico". Além disso, o governo britânico encarregou a 77ª Brigada do Exército Britânico, especializada em "guerra de informação", de lançar uma campanha online para combater "narrativas enganosas" sobre os candidatos à vacina COVID-19.

A guerra cibernética recentemente declarada pela GCHQ não só combaterá a "propaganda à prova de imunidade", mas também procurará "perturbar as operações dos ciberactores responsáveis, incluindo a encriptação dos seus dados para que não possam aceder aos mesmos e o bloqueio das suas comunicações uns com os outros". A empresa envolverá também a GCHQ a trabalhar noutros países no âmbito da aliança "Five Eyes" - ou seja, o Reino Unido, EUA, Austrália, Nova Zelândia e Canadá - para alertar as suas autoridades parceiras nestes países, de modo a permitir-lhes que se envolvam em tais sítios de "propaganda" localizados dentro das suas fronteiras.

O Times observou que "o governo está cada vez mais a dar prioridade ao combate à desinformação sobre a vacinação à medida que a perspectiva de um candidato a vacina fiável contra o coronavírus se torna mais tangível" e suspeita que os esforços irão aumentar à medida que o candidato a vacina se aproxima da aprovação.

Parece que da perspectiva do aparelho de segurança britânico, aqueles que levantam a questão da corrupção na indústria farmacêutica e do seu possível impacto nos principais candidatos à vacina experimental Covid 19 - todos os quais utilizam tecnologias de vacinação experimental nunca antes aprovadas para utilização em humanos - deveriam receber instrumentos que foram originalmente concebidos para combater a propaganda terrorista.

Críticos declarados inimigos do Estado

O Times afirmou que a operação visava apenas conteúdos "provenientes de inimigos do Estado" e que as páginas dos "cidadãos comuns" não seriam visadas; o jornal suspeitava que a operação dependeria do governo dos EUA para decidir se uma página fazia ou não parte de uma operação de "desinformação estrangeira".

Isto é altamente perturbador dado que os EUA apreenderam recentemente os domínios de muitos sítios, incluindo o American Herald Tribune, que foi erradamente marcado como "propaganda iraniana", apesar de o seu editor-chefe, Anthony Hall, estar sediado no Canadá. O governo dos EUA fez esta alegação em relação ao American Herald Tribune depois da empresa de segurança cibernética FireEye, um empreiteiro do governo dos EUA, ter afirmado que havia "uma certeza moderada" de que o site tinha sido "fundado no Irão".

Além disso, o facto de o GCHQ ter afirmado que a maioria dos sítios que pretende visar têm "ligações com Moscovo" é mais um motivo de preocupação, uma vez que o governo britânico foi considerado culpado de financiar o Institute for Statecraft's Integrity, que os críticos das acções do governo britânico, bem como as suas narrativas sobre o conflito sírio, descreveram erradamente como estando ligados a "campanhas de desinformação russas".

À luz deste incidente, é certamente plausível que a GCHQ possa lançar uma ofensiva cibernética contra ela sobre a palavra de um governo aliado, de um contratante governamental ou talvez de uma organização de meios de comunicação aliada como a Bellingcat ou o DFRLab do Conselho do Atlântico que um determinado sítio constituísse "propaganda estrangeira".

Tais preocupações só se acentuam quando uma das principais fontes do The Times no governo declara sem rodeios que "foi dito ao GCHQ" para "escolher os adversários da vacinação em linha e nas redes sociais". Encontraram formas de monitorizar e perturbar a propaganda terrorista", sugerindo que os objectivos da nova guerra cibernética da GCHQ são de facto determinados pelo conteúdo e não pela origem "estrangeira". O aspecto "estrangeiro", por outro lado, parece ser um meio de contornar a proibição no

mandato operacional do GCHQ de tomar medidas contra a expressão de opinião ou os sítios web dos cidadãos comuns.

Esta grande mudança no sentido de tratar os alegados "manifestantes anti-vacinação" como "ameaças à segurança nacional" está em curso há algum tempo este ano, impulsionada em parte por Imran Ahmed, o Director Executivo do Centro de Luta contra o Ódio Digital baseado no Reino Unido, membro do Grupo de Trabalho Piloto sobre Extremismo da Comissão Fiscal do Reino Unido, que por sua vez faz parte da Comissão sobre Extremismo do Governo do Reino Unido.

A preparação para a pandemia

Ahmed disse ao jornal britânico The Independent em Julho

"Eu iria mais longe do que chamar teóricos da conspiração aos opositores da vacinação e dizer que eles são um grupo extremista que representa um risco de segurança nacional".

Depois afirmou que "uma vez que alguém tenha sido exposto a algum tipo de teoria da conspiração", "é fácil colocá-lo num caminho descendente, adoptando visões de mundo mais radicais que podem levar ao extremismo violento", implicando que "activistas anti-vacinação" podem cometer actos de extremismo violento. Entre os websites citados pela organização de Ahmed como promovendo tal "extremismo" que representa um "risco de segurança nacional" estavam a Defesa da Saúde das Crianças, o Centro Nacional de Informação sobre Vacinas, a Rede de Acção de Consentimento Livre e Esclarecido e Mercola.com.

Do mesmo modo, um grupo de reflexão ligado aos serviços de inteligência dos EUA - cujo equivalente GCHQ, a Agência de Segurança Nacional (NSA), participará na recentemente anunciada "guerra cibernética" - argumentou num documento de investigação publicado poucos meses antes do início da crise do Covid 19 que "o movimento anti-vacina dos EUA representa uma ameaça à segurança nacional no caso de uma "pandemia com um organismo novo".

InfraGard, "uma parceria entre o Bureau Federal de Investigação e membros do sector privado", advertiu no documento publicado em Junho passado que "o movimento de imunização anti-pandémico nos EUA está

também ligado a 'campanhas de desinformação e propaganda nas redes sociais' orquestradas pela Rússia", como citado pelo The Guardian. O documento da InfraGard também afirmava que os "manifestantes proeminentes antiimunização" estavam ligados "a outros movimentos da teoria da conspiração, incluindo a extrema-direita (...) e a campanhas de desinformação e propaganda nos meios de comunicação social por parte de muitos actores estrangeiros e nacionais". "Entre estes actores está a Agência de Investigação na Internet, uma organização filiada no governo russo".

Os críticos farmacêuticos são criminalizados

Um artigo publicado no Washington Post do mês passado argumentou que "a relutância de vacinação mistura-se com a negação da coroa e funde-se com teorias de conspiração da extrema-direita americana, incluindo QAnon", que o FBI chamou no ano passado de potencial risco de terrorismo doméstico. O artigo cita Peter Hotez, o reitor da Escola de Medicina Tropical no Baylor College of Medicine em Houston, como dizendo: "O movimento anti-vacinação dos EUA está a globalizar-se e a caminhar para tendências mais extremistas.

É notável que tantos "anti-vacinação" sejam na realidade críticos da indústria farmacêutica e não se oponham necessariamente à vacinação em princípio, o que torna rótulos como "vacina" e "anti-vacina" enganosos. Dado que muitos dos gigantes farmacêuticos envolvidos no desenvolvimento de vacinas Covid-19 fizeram doações maciças a políticos em ambos os países e estiveram envolvidos em numerosos escândalos de segurança, não só é altamente perturbador para o futuro do jornalismo quando os serviços secretos do Estado são utilizados para travar uma guerra cibernética contra partidos que investigam tais preocupações; sugere que a Grã-Bretanha está a dar um salto perigoso no seu desenvolvimento em direcção a um país que utiliza o poder do Estado para tratar os inimigos das empresas como inimigos do Estado.

A empresa "Truth to Battle Concept" apoiada pela CIA.

No início de Outubro, a Força Aérea Americana e o Comando de Operações Especiais dos EUA anunciaram que tinham assinado um contrato multimilionário com a Primer, uma empresa sediada nos EUA

especializada em "reconhecimento de máquinas". De acordo com o comunicado de imprensa, "Primer desenvolverá a primeira plataforma baseada na aprendizagem de máquinas para identificar e avaliar automaticamente a suspeita de desinformação. A Primer também irá melhorar a sua plataforma de processamento de linguagem natural para análise automatizada de eventos táticos, a fim de fornecer aos comandantes uma visão sem precedentes dos eventos actuais em tempo quase real.

De acordo com Primer, a empresa "constrói máquinas de software que lêem e escrevem em inglês, russo e chinês para detectar automaticamente tendências e padrões dentro de grandes conjuntos de dados", e o seu trabalho "apoia a missão da comunidade de inteligência e do grande Ministério da Defesa, automatizando tarefas de leitura e pesquisa para melhorar a rapidez e qualidade dos processos de tomada de decisão.

Por outras palavras, Primer está a desenvolver um algoritmo que permitirá ao aparelho de segurança nacional substituir numerosas estações militares e de analistas de inteligência por inteligência artificial (IA). De facto, a empresa admite abertamente isto quando afirma que os seus esforços actuais "automatizariam o trabalho tipicamente realizado por dezenas de analistas num centro de segurança, reunindo todos os dados relevantes para um evento em curso e consolidando-os numa interface de utilizador unificada".

Os senhores da ciberguerra acusam os outros

Em última análise, o objectivo da Primer é utilizar a sua IA para automatizar totalmente a formação da percepção pública e tornar-se o árbitro da "verdade" tal como definida pelo Estado. Sean Gourley, o fundador da Primer, que anteriormente criou programas de IA para os militares para detectar "insurreições" no Iraque pós-invasão, assegurou num post de blogue de Abril de 2020 que "as campanhas de guerra e desinformação por computador tornar-se-ão uma ameaça mais séria em 2020 do que a guerra física, e teremos de repensar que armas utilizaremos para as combater.

No mesmo post, Gourley defendeu a criação de um "Projecto Manhattan da Verdade", que criaria uma base de dados acessível ao público ao estilo da Wikipédia, construída a partir de "bases de conhecimento que já existem nos serviços de inteligência de muitos países para fins de segurança nacional". Gourley escreveu

então que "o objectivo último deste esforço é construir e melhorar a nossa inteligência colectiva e fornecer uma base para o que é verdadeiro e o que não é", tal como declarado pela comunidade de inteligência. Concluiu o seu post no blogue dizendo que "em 2020 começaremos a transformar a verdade numa arma".

Em particular, o website americano NextGov relatou a 9 de Novembro de 2020, o dia em que o GCHQ também anunciou os seus planos para visar a "propaganda anti-vacinação", que os esforços financiados pela Primer no Pentágono eram agora especificamente direccionados para a "desinformação relacionada com a Covid-19". De acordo com John Bohannon, director científico da Primer, "a Primer irá integrar a detecção de bots, texto sintético e competências de análise para declarações textuais não estruturadas na nossa plataforma de IA existente actualmente em uso no Departamento de Defesa. (...) Isto irá criar a primeira plataforma unificada e pronta a usar para combater a desinformação relacionada com a Covid-19 em tempo quase real.

Bohannon, que trabalhou anteriormente no Afeganistão como jornalista de destaque nas forças da OTAN, disse também ao NextGov que o novo esforço da Primer centrado no Covid-19 "ordena automaticamente documentos numa de dez categorias para ajudar a acompanhar o impacto do Covid-19 (em áreas como) negócios, ciência e tecnologia, emprego, economia global e eleições. O produto acabado deverá ser entregue ao Pentágono no segundo trimestre do próximo ano.

Empresas privadas e aparelhos de segurança de mãos dadas

Embora seja uma empresa dita privada, Primer está profundamente interligada com o aparelho de segurança nacional que foi concebido para proteger, transformando "a verdade como uma arma". A Primer anuncia com orgulho que retira 15% do seu pessoal da comunidade de inteligência ou dos militares. O director do grupo de segurança nacional da empresa é Brian Raymond, um antigo oficial dos serviços secretos da CIA que serviu no Conselho de Segurança Nacional dos EUA como director para o Iraque após ter deixado o serviço.

A empresa também acrescentou recentemente vários altos funcionários de segurança nacional ao seu conselho de administração. Estes incluem:

O General reformado Raymond Thomas, que comandou todas as Forças de Operações Especiais dos EUA e da OTAN no Afeganistão e é ex-comandante do Comando de Operações Especiais dos EUA e do Comando Conjunto de Operações Especiais (JSOC).

Tenente-General (ret.) VeraLinn Jamieson, ex-Chefe de Estado-Maior Adjunto do Reconhecimento, Vigilância e Detecção da Força Aérea, que chefiou as unidades de reconhecimento e cibernética da Força Aérea. Ela também desenvolveu pessoalmente "parcerias estratégicas" entre a Força Aérea e a Microsoft, Amazon, Google e IBM para "acelerar a transformação digital da Força Aérea".

Brett McGurk, juntamente com a infame família Kagan, como Director do NSC para o Iraque e depois como Assistente Especial do Presidente e Director Executivo para o Iraque e Afeganistão durante a administração Bush, foi um dos "principais arquitectos" da "onda" da guerra do Iraque. Sob Obama e durante parte da administração Trump, McGurk foi o Embaixador Especial do Presidente para a Coligação Global para Superar o ISIS no Departamento de Estado e ajudou a gerir a "guerra suja" que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha e outros aliados tinham travado contra a Síria.

Para além destas nomeações actuais da direcção, a Primer trouxe a antiga Directora Adjunta da National Intelligence Sue Gordon como conselheira estratégica. Anteriormente, Gordon "fez uma parceria no seio da comunidade de inteligência dos EUA e aconselhou o Conselho de Segurança Nacional no seu papel de director-adjunto da inteligência nacional", e tem uma carreira de 27 anos com a CIA. Estes laços profundos não são surpreendentes, uma vez que a Primer é financiada pelo braço de capital de risco In-Q-Tel da CIA e pelo braço de capital de risco da Bloomberg Beta do bilionário Mike Bloomberg.

Blitzkrieg contra a "desinformação"

O rápido crescimento do interesse na "desinformação" sobre o Covid-19 por parte dos aparelhos de segurança norte-americanos e britânicos, especialmente no que diz respeito às próximas campanhas de vacinação do Covid-19, está intimamente relacionado com a estratégia de envolvimento dos meios de comunicação social da Operação Warp Speed do governo norte-americano.

A Operação Warp Speed, que é oficialmente uma "parceria público-privada" com o objectivo de ter 300 milhões de americanos vacinados até Janeiro, é dominada pelos militares americanos e envolve também uma série de agências de inteligência dos EUA, incluindo a NSA e o Departamento de Segurança Interna (DHS), bem como os gigantes tecnológicos relacionados com a inteligência Google, Oracle e Palantir. Vários relatórios publicados sobre The Last American Vagabond pelo autor e jornalista Derrick Broze revelaram o segredo extremo da operação, os seus numerosos conflitos de interesse e as suas profundas ligações às iniciativas baseadas no Vale do Silício e ao tecnocrático-Orwell.

A gestão oficial da Velocidade Warp discute em pormenor o seu plano faseado para envolver o público e lidar com questões de "contenção da vacinação". Segundo o documento Warp Speed intitulado "From the Factory to the Frontlines", "a comunicação estratégica e as mensagens ao público são fundamentais para alcançar a máxima aceitação da vacina, o que requer saturação com mensagens através dos meios de comunicação nacionais.

Também se nota que "trabalhar com parceiros estabelecidos - especialmente aqueles que parecem ser fontes de confiança para o público alvo - é crucial para promover a compreensão pública, acesso e aceitação de potenciais vacinas" e que "para alcançar um alto alcance, será necessário identificar as mensagens certas para promover a confiança nas vacinas, combater a desinformação e visar grupos vulneráveis e em risco".

O documento nota também que a Velocidade Warp pretende utilizar o quadro estratégico de três braços dos Centros de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) para os seus esforços de comunicação. O terceiro pilar desta estratégia intitula-se "Fim dos Mitos" e tem como principal objectivo "estabelecer parcerias para limitar a disseminação de desinformação" e "trabalhar com parceiros locais e embaixadores de confiança para aumentar a confiança nas vacinas".

Plataformas de direccionamento para vozes críticas

Enquanto que este documento particular de velocidade warp fornece apenas detalhes esparsos, o Livro de Jogadas Provisório do Programa de Vacinação CDC Covid-19 contém informação adicional. Afirma que a Operação Warp Speed "envolverá e utilizará uma vasta gama de parceiros, colaborações e canais de

comunicação e notícias para atingir os objectivos de comunicação, sabendo que as preferências por certos canais considerados credíveis variam entre telespectadores e pessoas em risco acrescido de doenças graves e populações críticas, e os canais também variam na sua capacidade de atingir diferentes objectivos de comunicação. Afirma que os seus esforços a este respeito se concentrarão nos "canais de meios de comunicação tradicionais" (imprensa, rádio e televisão), bem como nos "meios digitais" (Internet, meios de comunicação social e serviços de mensageiro).

O documento do CDC revela ainda que a campanha de "mensagem pública" para "aumentar a preparação de imunização" e contrariar a "contenção de imunização" está dividida em quatro fases, e acrescenta que a estratégia global de comunicação da Warp Speed é "oportuna e aplicável à fase actual do programa de imunização do Covid 19.

As fases são:

- Antes da disponibilidade de uma vacina.
- A vacina está disponível em quantidades limitadas para populações específicas a serem visadas precocemente.
- A vacina está cada vez mais disponível para outras populações críticas e para o público em geral.
- A vacina está amplamente disponível.

Assumindo que a candidata à vacina Covid-19 produzida pela Pfizer deverá ser aprovada no final de Novembro, parece que o aparelho de segurança nacional dos EUA, que está essencialmente a conduzir a Operação Velocidade Warp, está a preparar-se para isso, juntamente com "embaixadores de confiança" nos meios de comunicação de massas, para entrar na segunda fase da sua estratégia de comunicação, uma fase em que as organizações noticiosas e os jornalistas que expressam preocupações legítimas sobre a Velocidade Warp são roubados das suas plataformas para dar lugar à saturação "necessária" com mensagens amigas da vacina em todo o panorama dos meios de comunicação de língua inglesa.

Whitney Web tem sido um autor profissional, investigador e jornalista desde 2016. Escreveu para vários sítios Web entre 2017 e 2020 e foi escritora e repórter de investigação líder para a Mint Press News. Escreve

actualmente para The Last American Vagabond.

+++

Nota sobre o artigo: O presente texto apareceu pela primeira vez em "[Rubikon – Magazin für die kritische Masse](#)", em cujo conselho consultivo Daniele Ganser e Rainer Mausfeld estão activos, entre outros. Uma vez que a publicação foi feita sob uma licença gratuita (Creative Commons), KenFM assume este texto para uso secundário e assinala explicitamente que o Rubicon também depende de doações e necessita de apoio. Precisamos de muitos meios de comunicação alternativos!

Neste contexto são recomendados os livros "[Das Zeitalter des Überwachungskapitalismus](#)" de Shoshana Zuboff e "[Das Schachbrett des Teufels](#)" de David Talbot.

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: komokvm / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK